

RESENHAS

HESÍODO. OS TRABALHOS E OS DIAS.
EDIÇÃO, TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO
E NOTAS DE ALESSANDRO ROLIM DE
MOURA. CURITIBA: SEGESTA, 2012.

Emerson Cerdas*

* Faculdade de Ciências e
Letras Unesp/Araraquara
– Brasil

Quando o fogo se atíça, Dersu Uzala vê no movimento das chamas o movimento das forças divinas presentes na natureza, enquanto os homens “racionais” que o cercam, capitaneados pelo topógrafo russo Yuri, riem surpresos e admirados do seu pensamento mítico. A bela cena do filme *Dersu Uzala* (1975) de Kurosawa exemplifica nossa posição diante da poesia de Hesíodo. Como leitores hiperracionais do século XXI, contemplamos admirados e, sobretudo, incompreensivos, o pensamento de um poeta que via no agir do homem e da natureza o condicionamento das forças divinas.

A poesia de Hesíodo, ao lado da de Homero, configura-se como fundadora da literatura grega. Compostas provavelmente no final da segunda metade do século VIII ou início do século VII a.C.¹, a *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias* constituem obras fundamentais para a compreensão da Hélade pré-clássica. Apesar da aproximação estilística com Homero – ambos são poetas épicos, a se considerar sua expressão em hexâmetro² – eles se separam tanto na postura poética quanto na matéria dos poemas, principalmente se pensamos em *Os trabalhos e os dias*, obra recentemente lançada em português com tradução, edição do texto, introdução e notas de Alessandro Rolim de Moura, objeto da presente resenha que se direciona a um público mais amplo de classicistas e leitores comuns. Ao apresentarmos a obra de Hesíodo de modo mais descritivo visamos a esse público, mas as discussões concernentes à tradução são direcionadas à comunidade de especialistas.

Ao contrário do poeta da *Ilíada* e *Odisseia*, que fala de um tempo anterior ao seu, nessa obra Hesíodo fala de seu mundo atual, da vida dos camponeses e dos problemas referentes ao trabalho da agricultura e da navegação. O mito não surge isolado *in illo tempore*, como na *Teogonia* e em Homero, mas como justificativa da realidade atual, interligado a ela. N^o

1. M.L. West situa Hesíodo no fim do século VIII a.C. e no início do século VII a.C. Cf. Hesiod. *Work & Days*. Oxford: Oxford University Press, 1978.

2. Aristóteles, na *Poética* 1459b32, afirma que o hexâmetro é o único verso adequado à poesia épica.

Os trabalhos e os dias, Hesíodo se dirige ao seu irmão Perses, com quem tem uma contenda jurídica, sobre a divisão da herança paterna. Esse é o mote que traz à tona uma série de imprecisões de Hesíodo sobre o valor do trabalho. Para Hesíodo, o trabalho é justo, agrada aos deuses, pois a própria terra dá os frutos àquele que trabalha, enquanto o homem que vive no ócio partilha da injustiça, porque precisa tomar os bens dos outros. A partir disso, a obra estrutura-se em duas partes: nos primeiros 382 versos, que constituem um arcabouço mítico-cosmogônico para a segunda parte, Hesíodo narra uma série de relatos míticos a fim de mostrar a Perses o porquê da necessidade do trabalho e da existência da injustiça no mundo.

Na segunda parte da obra, Hesíodo procura ensinar como o homem deve agir no trabalho do campo, indicando informações técnicas a respeito da agricultura e da navegação, além de fazer admoestações morais. O interesse de Hesíodo está nos pequenos agricultores, homens sem grande quantidade de escravos, que dependem diretamente do trabalho no campo para a sobrevivência. Essa segunda parte da obra carecia de uma tradução em português brasileiro, uma vez que a tradução de Mary Lafer³ parava nos primeiros 382 versos. Agora, Alessandro Rolim de Moura supre essa carência editorial⁴, ao apresentar a tradução completa de *Os trabalhos e os dias*.

Fazendo parte da coleção Raízes do Pensamento Econômico, a tradução visa primeiramente a um público de economistas e interessados na história das ideias econômicas. Tal visada, como o próprio tradutor afirma, tornou necessária uma tradução que, mais do que recriar os efeitos poéticos da poesia de Hesíodo, buscasse transmitir o conteúdo “[...] sem criar dificuldades excessivas para um público que não está necessariamente habituado à leitura da poesia antiga” (p.12). Nem por isso o trabalho de tradução deixou de ser bem cuidado do ponto de vista literário. Pelo contrário, o aparato crítico do texto grego, elaborado pelo tradutor-editor não se restringiu às exegeses tradicionais da obra hesiodiana, embrenhando-se mesmo nos cipoais dos manuscritos da obra, buscando ajustar ao texto estabelecido pelo eminente helenista Martin L. West (1978) as variantes mais pertinentes, em especial a partir dos papiros descobertos após a publicação da edição de West – estabelecendo assim uma edição crítica e pessoal do texto grego.

3. HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e comentários de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1990.

4. Há de se ressaltar também a tradução de *Os Trabalhos e os dias* por Luiz Otávio de Figueiredo Mantovaneli, publicada pela editora Odysseus em 2011, e a tradução por Christian Werner, publicada pela editora Hedra em 2013.

Tal percurso é apresentado na seção da introdução “O texto dos *Erga*”, em que o tradutor relata uma breve história da crítica textual hesiódica, comentando os trabalhos de Rzach, Solmsen e do próprio West. Além disso, também inclui um apêndice com todas as variantes incorporadas ao texto que se diferenciam do texto de West.

Ao público de leitores economistas, mas certamente não só a eles, a introdução oferece ainda uma análise da situação político-econômica da Grécia no período de Hesíodo, a partir de informações recolhidas no próprio texto, completada pelos conhecimentos arqueológicos e de vários especialistas no autor beócio, dando uma visão geral desse período histórico.

Sem se restringir ao uso de um metro fixo, o tradutor acena para uma tradução prosaica, cuja principal virtude seria a literalidade, no sentido de transpor ao português palavra por palavra o conteúdo dos versos gregos, buscando seguir justalinearmente o texto de partida. É verdade que essa escolha pela prosa acaba por não revelar o caráter formal do texto original, uma vez que Hesíodo escreve toda a sua obra em cadência hexamétrica. Esse dado expressivo é compensado pelos interessantes ganhos estilísticos de uma tradução literalizante, atenta à letra do texto⁵. Ao manter a posição em que as palavras aparecem em grego no português, o tradutor recompõe em alguma medida a logopeia⁶ do texto original. Isso é bastante visível nos *enjambements*, largamente usados na poesia épica grega, os quais quebram a sequência da leitura, já que a frase não se limita com o fim do verso. Tomemos como exemplo, o proêmio da obra:

Μοῦσαι Πιερίηθεν, ἀοιδῆσι κλείουσαι,
δεῦτε, Δί' ἐννέπετε σφέτερον πατέρ' ὕμνείουσαι,
Musas da Piéria, que dais glória com canções,
vinde; em hinos cantai Zeus, vosso pai.

No verso 1, Hesíodo invoca às Musas, acrescentando o epíteto ἀοιδῆσι κλείουσαι na invocação, para, no próximo verso, por meio do *enjambement*, completar o chamamento com o imperativo δεῦτε. O mesmo movimento das palavras encontra-se na tradução, em que as duas palavras mais importantes dos versos “Musas” e “vinde” preenchem a primeira posição de cada um de seus respectivos versos. Uma vez que

5. Sobre a tradução literalizante cf.: Benjamin, W. *A tarefa-renúncia do tradutor*. Trad. de Susana Lages. In: HEIDERMAN, W. (Org.) *Clássicos da teoria da tradução I*. Florianópolis: EDUFSC, 2001. p. 187-215; e BERMAN, A. *A prova do estrangeiro*. Trad. M. E. P. Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

6. Cf. Pound, E. *Abc da Literatura*. São Paulo: Cultrix, 2001.

a língua grega é uma língua sintética, cujas desinências nominais marcam a função sintática do termo na frase, a posição das palavras tem função poética, pois o poeta escolhe a posição menos pela norma da sintaxe do que pelo efeito estético que ela propicia. Nesse aspecto, manter a posição da palavra recria a força comunicativa do texto original. Ao mesmo tempo, essa preocupação favorece o segundo grupo de leitores esperados pelo tradutor, o de estudantes de grego, que podem, à medida que leem a tradução, acompanhar com maior facilidade o texto grego de Hesíodo.

A partir desses apontamentos, podemos concluir que sem criar excessivas dificuldades, mas sem se descuidar da qualidade poética de Hesíodo, Alessandro Rolim de Moura apresenta uma tradução acessível, cujo cuidado filológico e atenção à literalidade convidam o leitor a compreender e a admirar a poesia de Hesíodo.

Recebido em maio de 2013
Aprovado em setembro de 2013.